



Ética e rigor científico versus crença religiosa: um caso subliminar

DIAS, José Vicente. Mensagem subliminar. Disponível via internet: <http://www.mensagensubliminar.com.br>. [20 de março de 2001].

A ciência conhecida como Semiótica, que vem a ser o estudo do texto e subtexto em mensagens registradas em qualquer mídia, quer verbal, visual ou ambas, tem entre seus adeptos uma grande fatia que acredita firmemente na validade da inclusão de um novo ramo de pesquisas, a chamada Semiótica das Subliminares. Estes sustentam que mensagens deliberadamente inseridas de forma semivisual ou acústica (figuras implícitas, em perspectivas ou planos ocultos, muito pequenas, imperceptivelmente rápidas, sons gravados de forma reversa, em rotação diferente etc.) podem ser percebidas pelo subconsciente e provocar ações deliberadas. Entre os que defendem o ramo, está o site Mensagem subliminar. Se este é de leitura muito interessante por descrever exemplos das próprias subliminares, ao mesmo tempo peca mortalmente ao confundir ciência da comunicação, ou pseudo-ciência, com crenças religiosas e preconceitos arraigados tão fortes que não resistiriam a uma análise de conteúdo de estudante graduando. E assim deve ser lido, e é recomendado para todos os cientistas da comunicação, para que vejam como não se divulga ciência. Recomenda-se a leitura desta resenha, se possível, com o site aberto em um terminal para que se possa fazer a visualização e leitura.

É importante dizer, primeiramente, que o site é bem-feito, visualmente, e se dedica (até certo e limitado ponto, como se verá a seguir) à divulgação das próprias subliminares, o que não deixa de ser uma

prestação de serviço, pois não se pode permitir que o povo consuma por empurrão o que não conhece ou de que não gosta. Só que o mesmo pode ser dito sobre o leitor desse site, enquanto ao mesmo tempo esse ramo ainda precisa adquirir muito reconhecimento como especialidade e provar muito o que diz, o que não vem ao caso nesta resenha, na qual será focado o aspecto científico de uma publicação.

Algumas partes do site entretêm de fato bastante, como a que fala sobre as mensagens na música e a que explicita mensagens sexuais, embora haja aqui clara paranóia, uma fixação por achar símbolos sexuais, uma não-admissão do acaso, mas que em certos casos tem na obviedade sua salvação. Mas quase não se acredita nos próprios olhos ao corrê-los pelo site do professor Vicente, situação sem par em um site supostamente acadêmico. Será possível que um site sobre subliminares possa se valer das próprias na maior parte de seu texto?

Já é hora, e isso tem vários séculos, de completar e radicalizar a separação de igreja com o estudo do que quer que seja, inclusive da teologia. A Idade Média já acabou. A Revolução Francesa é mais do que bicentenária. Chega de publicações que se propõem discutir alguma coisa e recaem unicamente na doutrinação cristã (ou de qualquer outra religião) disfarçada! O Cristianismo é uma religião a mais, como muitas outras, e não governa o mundo há muito tempo. Não sei se propositadamente (não posso acusar, não teria provas) ou por presença desta influência na twilight zone definida por Jung, que a própria página cita, o ideário inconsciente, que poderia provocar uma dissonância cognitiva no ato de escrever e fazê-lo direcionar seus textos para transformá-los em sua própria pregação religiosa, mas o autor quase não consegue fazer um parágrafo sem transformá-lo em uma inquisição. A seção do site que discorre sobre o rock and roll, se lida com um mínimo de crítica, torna-se hilária. O autor não admite que os autores das músicas possam incluir mensagens implícitas ou explícitas por diversão ou provocação social, que aliás é a grande virtude deste ritmo, mas sempre para induzir as pessoas a praticar o mal e adorar o suposto demônio.

Nada contra a citação religiosa. Aliás, como disse Voltaire, “não concordo com o que dizes, mas lutarei até a morte pelo direito que tens de dizê-lo”. Só discordo da pregação completamente disfarçada em mídia que se propõe científica, porque aí não se trata mais de liberdade

de expressão, mas de enganação. Digamos que, se eu pertencesse a uma virtual banca examinadora na qual este site fosse consequência, eu lutaria com afincos para reprová-la. Assim, a adjetivação utilizada distoia completamente do propósito alegado, qual seja, a divulgação e tentativa de validação de um novo ramo de midiologia. Não importa qual seja a ideologia, mesmo se considerada “do bem”, como o Cristianismo, não é ético fazer um site de um ramo e nele incluí-la, chegando ao cúmulo de desafiar o leitor a procurar mensagens de exaltação ao deus judaico-cristão e seu avatar, Jesus Cristo, em toda a obra da Disney (como forma de depreciar a companhia), como se isso fosse função ou obrigação da Disney, ou mesmo como se isso fosse ético, ou seja, como se alguém, para ser considerada “do bem”, precisasse ser cristão e, não só isso, fosse obrigado a divulgar a ideologia de sua religião, não importando as diferenças religioso-ideológicas dos diferentes locais do mundo nos quais os produtos são apresentados. Onde estamos? Na idade das trevas?

Este tipo de atitude é a que se poderia esperar, com toda a propriedade e de forma mesmo louvável, da pastoral de comunicação de uma arquidiocese, ou de um fanzine religioso, ou de um meio de comunicação qualquer que dissesse a que veio, sendo que qualquer um destes estaria em seu pleno direito e poderia estar fazendo um excelente trabalho, mas nunca – mesmo! – de um suposto site de midiologia. Já é dado o tempo para o fim da subserviência às igrejas, ao fim do uso obrigatório de um “D” maiúsculo para designar um deus que é apenas mais um entre tantos, de tantas mitologias. Sim, porque o que é religião “séria” e chapa-branca hoje em dia é a mitologia de amanhã, que merecerá apenas um olhar de curiosidade histórica.

Sequer o site merece um prolixo discurso sobre a enorme falta de bom senso demonstrada no preconceito claro contra os homossexuais, ateus e adoradores de religiões em geral, merecedores de respeito, preconceito este que fica evidente e explícito na forma de discurso panfletário com ataques pessoais a responsáveis pela produção dos desenhos de longa metragem, inclusive com a tentativa de depreciar um deles pelo alto salário que recebe (é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus. A rigor, Cristo foi o primeiro socialista). Não consigo compreender qual é a relação entre as opções religiosas – quer o

fulano seja adorador de Hare Krishna, Jesus Cristo, Baal Zebub, Maomé, Zeus, bezerros de ouro ou de si mesmo –, sexuais ou quaisquer outras com a profissão da pessoa, a não ser que a mesma seja padre ou pastor ou ainda líder divulgador de qualquer outro determinado grupo social, única situação na qual uma empresa tem o direito de interferir na vida pessoal do indivíduo.

Chama a atenção a falta de propósito de relatar vários casos completamente soltos, sem que haja um endereço URL ou qualquer outra forma de localização para que possamos estudá-los, checar sua veracidade ou sequer existência. Vejamos alguns: “um menino esquitejou sua mãe após ver O rei leão”; “um menino de doze anos, nos EUA, foi introduzido no satanismo através dos filmes da Disney”; “um homem que trabalhou dezesseis anos na Disney relatou que certa vez, arrumando os armários dos donos, no segundo andar, viu dentro deles altares com velas negras e pentagramas (estrelas de cinco pontas) e que, em um pentagrama, havia uma capa de fita de vídeo para cada ponta da estrela, consagradas ao diabo, para vender e fazer sucesso” – este foi horrível! Mesmo que seja verdade, significa apenas que alguma pessoa que trabalha lá cultivava uma superstição, seita ou crença – “uma criança queria que a mãe comprasse todos os filmes da Disney, senão ela a mataria enquanto dormia”; “uma criança em Minas Gerais, depois de comer os biscoitos da Pocahontas durante um certo tempo, teve seus dentes apodrecidos, no ano de 1996” (será que ela escovava os dentes depois?); “uma jovem que trabalhava na Disney sentia vontade de suicidar-se. Quando saiu de lá, ficou livre desta sensação”; “a Disney queima incenso todas as quartas-feiras à tarde” (sic) – coisa que muita gente também gosta de fazer, pelo simples prazer do aroma, embora não nas quartas-feiras à tarde, mas em qualquer hora, sendo que nem sempre por causa de alergias.

A citação de símbolos esotéricos encontrados nos desenhos Disney não é tão completa assim; o próprio autor desta resenha conhece outras de memória, sem dedicar sua vida à pesquisa do assunto, mas simplesmente por achá-lo deveras divertido. Mas a maioria é de uso totalmente difundido, e não “ocultista”, conforme citado, como a fada, o duende, a bruxa, o mago, a estrela de cinco pontas (que é apresentada como símbolo esotérico, o que é verdade, mas também representa a estrela de Davi, símbolo judaico), e também

usado para caracterizar o que é maligno de imediato, ou seja, proporcionar que a criança identifique o vilão à primeira vista: o gato Lúcifer, em Cinderela, o sobrenome DeVil, significando demônio, para a personagem Cruela em 101 dálmatas, e outro que o autor desconhece, mostrando certa ignorância da cultura pop necessária para a análise proposta: o gato das bruxas Madame Mim e Maga Patalógica, nos quadrinhos, se chama Mefistófeles, um “demônio” nórdico-celta (a concepção de demônio nesta cultura é totalmente diferente da ocidental). Os quadrinhos estão recheados de outros casos assim, mas tratar deles seria dar crédito a macartistas, que conseguiram arrasar as histórias em quadrinhos no passado. “Batman e Robin se comportam como casal”. Ora, faça-me o favor! Eles se comportam como pai e filho. Se fosse como dito, famílias inteiras são ou foram todas pedófilas porque se importam e têm carinho por seus protegidos, que no nosso caso são os filhos.

É de se ficar espantado quando se afirma que uma história de Mauricio de Souza ensinaria a invocar o demônio (veja no site), sendo que na história (eu me lembro) o sujeito realmente vende sua alma para o Coisa-Ruim, depois de conjurá-lo com um círculo vermelho com quatro velas (uma criança de cinco anos faria melhor; quatro é um número que os cabalistas e a maioria dos esotéricos crêem ser divino), e posteriormente sofre as conseqüências e pede ajuda a Deus. Um dos integrantes da Turma da Mônica é o anjinho, e eu, autor, pesquisador de histórias em quadrinhos, possuo um raríssimo exemplar de gibi da Turma com mensagens católicas, que foi usado em catecismos.

A parte que cita crenças de outras religiões nos desenhos animados demonstra uma fobia do que é diferente, ao criticar por exemplo indícios de reencarnação e astrologia, em uma tentativa deliberada de associar ao mal tudo o que não é cristão. Por que não fazer uma análise procurando subliminares a favor da Igreja nos mesmos meios? Fazia muito tempo que não se via a palavra “pagão” no sentido usado no site, qual seja o de designar tudo o que não é católico, como por exemplo a cultura celta. Há uns cem anos que geralmente só é citada assim como registro histórico, exemplificando a forma como as pessoas pensavam no passado ou por fanáticos. Mas esta deve ser uma exceção.

A lógica do site é ridiculamente falha. Segundo ele, como um dos muitos exemplos, os filmes, especialmente Fantasia, seriam de-

moníacos (os termos fogem do controle do autor), porque a fantasia é uma mentira e “a Bíblia diz que o pai da mentira é o diabo”. Assim, novamente estamos na Idade Média, aliás no começo desta, na qual histórias de ficção ficavam escondidas ou se mantinham apenas na literatura oral por serem consideradas coisas do demônio, passíveis de excomunhão e inquisição.

Para concluir: o que são, então, todas as meninas chamadas Lúcia? Adoradoras de Satã? E todas as Lillian, Liliane etc., mesmo de famílias católicas, devem ser provenientes de famílias de esotéricos ou, pior ainda – lá está o pejorativo novamente – “pagãs”, porque seus nomes são corruptelas de Lilith, que, segundo um evangelho apócrifo (leia-se censurado na Idade Média) foi a primeira mulher de Adão? Chris é uma óbvia corruptela para Cristo. Sendo assim, pela lógica, o portador deste nome deve ser cristão? Benjamin é um nome exclusivamente judaico? O que dizer de Natal, então?

Chris Benjamin Natal

Jornalista, mestre em

Comunicação Social pela Umesp.